

APROVÍNCIA

Semanário

AVENÇA

INFORMAÇÃO .. CULTURA .. RECREIO

Proprietário, Administrador e Editor
V. S. MOTTA PINTO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — AV. D. NUNO ALVARES PEREIRA - 18 — TELEF. 026 487
MONTIJO
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA «GRAFEX» — TELEF. 026 236 — MONTIJO

DIRECTOR
ÁLVARO VALENTE

A D. Micaela é tão autoritária, que nem sei mesmo como as crianças a podem suportar. Ela manda-as a todo o momento; obriga-as a tudo quanto *quer* e elas têm de obedecer sem protesto, como se fossem seres inferiores ou simples bonecos de serradura, que podemos mover e comandar à nossa vontade, sem o respeito devido à alma humana.

Sim, a D. Micaela não se convence de que as crianças sentem como nós, ou melhor: de que as crianças têm maior sensibilidade do que nós e não são *coisas* sem personalidade nem vontade própria, como ela supõe.

E aquela escola é simplesmente horrível! Uma escola para meninos dos 3 aos 7 anos. Mas se a vissem! Os pobres *bébé*s começam bem cedo a detestar a escola, os livros e os professores. E digam-me: não têm razão?

Eu fui visitá-la e afligi-me sinceramente com tudo aquilo. Tive mesmo a dolorosa sensação de estar a ver, não uma escola, mas uma prisão.

Naquela sala enorme, cheia de mesas e cadeiras, os pequeninos estavam sentados muito direitos, num profundo silêncio, fitando os olhinhos tristes nas pedras negras.

A um canto lá estava a

Fragmentos do Diário de Maria Clara

Por Hanid Estela

D. Micaela, com o seu rosto magrinho e os óculos de aros reluzentes, lançando um olhar atento aos seus meninos.

De vez em quando fazia vibrar a sua voz repreensiva, que assustava os pequenitos como se fosse um trovão medonho: — «Meninos, atenção! Silêncio!».

Mas atenção a quê? Que lhes ensina ela? Nada; segundo me disse. E que fazem eles durante toda a manhã? Nada também. Ali estão sentados horas e horas, sem se poderem desviar um centímetro além do seu lugar, sem poderem rir nem falar.

Horrível escola! Fiquei verdadeiramente penalizada e cheia de espanto. E só agora, depois desta visita, é que eu compreendo porque é que o Antoninho, um garotinho que mora ao meu

lado, tem todas as manhãs uma birra porque o levam à D. Micaela.

E julgam que a mãe o manda à escola para o educar? Não. Querem que diga porque é? Sim, aqui no meu *Diário*, no meu *simbólico Diário*, posso confessar a verdade. É que o pequenito é traquinas, barulhento, insuportável. Quem pode viver tranquilo quando ele está todo o dia em casa? Ninguém; é mesmo impossível. É para que a mãe possa fazer serenamente o seu *tricot*, sem os gritos e os pulos do Antoninho, é necessário que ele se sacrifique um pouco e se deixe estar sentadinho, como um *bibelot* arrumado, diante da mesa escura, sob o olhar vigilante da D. Micaela, que o mantém em respeito.

Assim é que é a boa edu-

cação. Assim é que o Antoninho virá a ser um menino prodígio, que espante todas as pessoas de bom tom, com a sua *sisudez*, o seu muito juízo.

E não vêem que aquela escola é um atentado à saúde física do moral das crianças. Não vêem que elas precisam de movimento, de liberdade, assim como as avezinhas precisam de voar pelo céu azul, sem laços que as prendam.

Têm necessidade de saltar, de rir, de gritar quando querem, sem ninguém que as sufoque com os seus ralhos continuos.

Assim, podem ir aprendendo suavemente, por meio de jogos e brinquedos que as eduquem, numa escola que as não separa da Vida e da Natureza.

E este péssimo costume que os mais velhos têm, de *mandar*, de impor a sua vontade, não deixando a criança reagir, não consentindo que a sua almazinha se expanda livremente?! E isto fere, magoa e revolta os pequeninos.

Porque não compreendem os mais velhos que têm de conviver com a criança com o máximo de delicadeza, guiando-a e aconselhando-a, sim, mas tão suavemente que

(Continua na página 4)

Portugal Pitoresco CASCAIS

A 27 quilómetros e 500 metros da capital e a oeste, situa-se a vila de Cascais, cabeça de concelho do mesmo nome, província da Estremadura, sobre o Oceano.

A essa situação deve a histórica vila a sua celebridade, já pelos panoramas marítimos incomparáveis, já pelos arredores de beleza estonteante.

Assim debruçada, a pérola engasta-se em reentrâncias e sinuosidades que vão até a Boca do Inferno e a Praia do Guincho, deslumbrante de maravilhas e de aspectos surpreendentes!

Passeando por sobre as fragas costeiras, o visitante descortina por sobre as águas do mar paisagens a perder de vista, agualelas dum esplendor *sui generis*, com luminosidades que deslumbram!

Junto à vila, a praia esconde-se numa enseada curiosa, espécie de «sala de visitas» do pai Oceano a vigiá-la das ondas marulhantes.

A praia de Cascais estende-se numa curvatura interessante, perto do ancoradouro dos barcos da pesca, no declínio da estrada que a circunda, plena de cor e de pitoresco.

Quando a estação calmosa aparece e faz sentir seus efeitos massacrantes, a praia é lenitivo, é refrigerio, é calmante para as horas que estorricam e amodoram.

(Continua na página 4)

VALSA

— Que têm seus olhos?!

Que leve que dança,
Valseando ligeira, voando,
Nas asas dos Sonhos descansa,
Rodopiando...

Mas... que têm seus olhos?!

Que suave que valsa
Girando qual pluma no ar!
Diáfana e nua, quimera
A rodopiar...

Porém... que têm seus olhos?!

Que graças os pomos:
Pequenos saltitam, olhai,
Seguros por graça de Gnomos!
Oh! Admirai!...

Mas ai... que têm seus olhos?!

Seu rosto é de cera,
Sorriso velado, sonhando.
E gira e valsa, quimera
Rodopiando...

Contudo... que têm seus olhos?!

Que cílios sem vida
No gélido olhar de miragem!
E dança e dança envolvida
Na nuvem da imagem
Da esperança perdida...

Morrerem-lhe os olhos.

JOSÉ SOARES

Ver apenas o nosso interesse, é egoísmo

POR ÁLVARO VALENTE

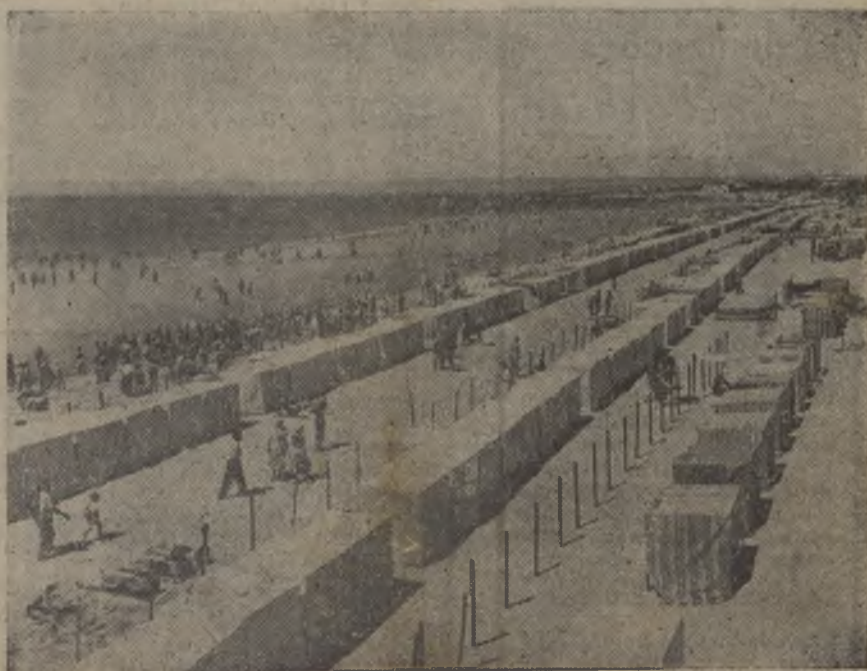
É natural que o Homem, antes de a Civilização atingir os páramos das celestiais cantigas, procurasse apenas os seus interesses.

O instinto tornava-o escravo desse sentimento restritivo, absoluto, empurrando-o para o lado utilitário que à sua pessoa mais agradava. Nesta forma de sentir era natural também que pouco ou nada lhe importasse o interesse alheio, pois agia em face da força íntima que todo o *dominava*.

As torturas, as aflições, as amarguras que à sua beira passavam, deixavam-no indiferente e apático. Para ele só existia

a sua pessoa dele, o seu bem estar, as suas conveniências. E para satisfazer esta bár-

(Continua na página 4)



VIDA
PROFISSIONAL

Médicos

Dr. Avelino Rocha Barbosa

Das 15 às 20 h.

R. Almirante Reis, 68, 1.º
Telef. 026 245 — MONTIJO
Consultas em Sarilhos Grandes,
às 9 horas, todos os dias, excepto
às sextas feiras.

Dr. Fausto Neiva

Largo da Igreja, 11

Das 10 às 13 e das 15 às 18 h.
Telef. 026 256 — MONTIJO

Dr. J. Sousa Correia

CLÍNICA DENTARIA

Dentes artificiais e consertos

Consultas todos os dias
das 11 às 13 e das 15 às 17 horas
Rua Bulhão Pato, 58 — MONTIJO

Dr. Cristiano da Silva Mendonça

MÉDICO VETERINÁRIO

R. Luís de Camões - MONTIJO
Telefone 026 502

Dr. Isabel Gomes Pires

Ex-Estagiária do Instituto

Português de Oncologia.

Doenças das Senhoras

Consultas às 3.ªs e 6.ªs feiras
R. Almirante Reis, 68-1.º - Montijo
Todos os dias
Rua Moraes Soares, 116-1.º
LISBOA Telef. 48619

Parteiras

Felisbela Victória Pina

Parteira - Enfermeira

Partos, injeções e tratamentos
Rua Sacadura Cabral, n.º 50
TELEF. 026 487 — MONTIJO

Augusta Marq. Barneira Moreira

Parteira-Enfermeira

Diplomada pela Faculdade de

Medicina de Coimbra

Rua Tenente Valadim, 29-1.º

MONTIJO

Armonda Lagos

Parteira-Enfermeira

PARTO SEM DOR

Ex-estagiária das Maternidades de

Paris e de Strasbourg.

De dia - R. Almirante Reis, 72

Telef. 026038

De noite - R. Machado Santos, 28

MONTIJO

Organizações

Progresso

Oçam todas as 3.ªs feiras às
13 horas, através do Clube
Radiofónico de Portugal, o
programa «REVISTA DES-
PORTIVA», uma produção de
Fernando de Sousa, com o
patrocínio deste jornal.

REVISTA DESPORTIVA

15 minutos em que se fala do
desporto ea favor do desporto.
Brevemente no ar o programa
TOUROS, TOUREIROS, E
TOURADAS — um programa
em que se diz a verdade sobre
Festa Brava. Para a sua publi-
cidade consulte

Organizações Progresso

Trav. da Bica aos Anjos, 27-1.º
Telef. 731315 LISBOA

MONTIJO

Concelhos Ribeirinhos da margem sul do Tejo

VIII

Aldeia-Galega, que, ao extinguir-se a freguesia da Sobonha, instituiu a sua freguesia privativa na igreja, que já possuía, da invocação de S. Sebastião, passou, depois de edificar a matriz, que ainda hoje existe, a dar-lhe nova invocação — a de Espírito Santo. Alcochete, por seu turno, instituiu a freguesia de S. João na igreja que fora mesquita e cujo edifício D. Manuel mandou reconstruir.

Vamos agora, em rápida mirada, desde o século XVI até o final do século XVII, assistir ao desmoronamento político e administrativo de Alhos Vedros — «terra antiga das mais antigas do Ribatejo» — de cuja tutela se vão furtando, tempos ao diante, as terras que, pelo seu desenvolvimento populacional, e que já haviam ultrapassado a sua condição de vintaneiras, reclamavam a sua elevação à categoria de vilas.

A primeira foi o Barreiro, que conseguiu desmembrar-se de Alhos Vedros, não por meio de foral, mas por carta de vila, concedida por D. Manuel em 16 de Janeiro de 1521; cerca de cento e cinquenta anos depois, em 1670, o Lavradio consegue também a sua autonomia, não chegando, porém, a constituir câmara, porque o donatário, o vice-rei da Índia, Luís de Mendonça Furtado de Albuquerque, lhe morreu quando regressava ao Reino, pelo que a nova vila continuou no termo de Alhos Vedros; e, por fim, seguiu-se-lhe o lugar da Moita, elevado igualmente a vila por D. Pedro II, em 5 de Novembro de 1681 (e não em 1690, como erradamente o disse Pinho Leal, e como outros, desprevenidos, o repetem), sendo seu donatário o Conde de Alvor, outro vice-rei da Índia.

Depois disso, feitas vilas e concelhos ou simples freguesias, as antigas póvoas do tempo de Alhos Vedros, afon-sina e coevas do velho «concelho de Ribatejo», nunca mais, até o advento do regime liberal, houve qualquer alteração na divisão administrativa do território ribeirinho submetido ao directo senhorio e larguíssima jurisdição dos Espatários.

E ainda hoje, através de tantas vicissitudes políticas, são quatro os municípios que, à custa de Alhos Vedros, se instituíram na margem esquerda do Tejo, na zona do antigo concelho de Palmela, a saber: Alcochete, Aldeia-Galega (Montijo), Barreiro e a Moita, a qual, durante o Constitucionalismo, aglutinou a mesma Alhos Vedros, formando com esta o formoso concelho que todos conhecemos.

O autor deste escrito não

Por João Luís da Cruz

pretendeu dar, nem mesmo esquemáticamente, a síntese manográfica das povoações ribeirinhas cuja existência evocou.

Essa síntese, apesar de sintese, só seria possível perpetrá-la num quadro histórico-económico da vida policroma da península da Arrábida, modernamente chamada de Setúbal, em louvor e homenagem à importância demográfica, à riqueza imobiliária e urbanística e à prosperidade comercial, industrial e agrícola, que fez da terra de Elmano uma das maiores e mais belas cidades de Portugal. Por isso, ninguém estranhará a brevidade e a insuficiência destes apontamentos, evocativos da grande região de que ela é hoje cabeça. Outro foi o seu pensamento. Ele desejou apenas sugerir a necessidade de uma monografia em que colaborassem todos os municípios da margem sul do Tejo, de natureza serrana, ribeirinha e atlântica, porque os há nela, felizmente, para todos os paladares e binóculos turísticos, — uma manografia, enfim, que enquadrasse todos os valores materiais, morais e espirituais, que enformam a

realidade social, política e económica de toda esta maravilhosa região interamucense.

E se lhe for concedido espaço em qualquer dos subsequentes números do Boletim, terá o autor oportunidade de, em apostilha, referir o papel que a mesa mestral da Ordem de Santiago exerceu, por meio da enfiteuse, em todas as actividades económicas, relacionadas com a produção do sal e a moenda do pão. Que, simbólicamente, bem pode dizer-se que toda a antiga terra de saibo ribatejano, comeu sempre, com o suor do próprio rosto, o pão temperado do seu sal.

Igreja de Santo Isidro Colónia Agrícola de Pegões

Foi inaugurada no dia 20 a igreja de Santo Isidro, na paróquia do mesmo nome, ali junto à Colónia Agrícola de Pegões.

A paróquia, recentemente criada, fica pertencendo à arquidiocese de Évora, estando para breve a criação

da freguesia, a qual pertencerá ao concelho de Montijo.

Presidiu o sr. Subsecretário da Agricultura, engenheiro Vitório Pires, que chegou pelas 11 horas e 30 minutos, e em seguida o bispo D. Francisco Maria da Silva, os quais eram esperados na sede dos Serviços Técnicos por várias individualidades, vendo-se entre elas os srs. José da Silva Leite e António João Serra, presidente e vice presidente da Câmara de Montijo, major Mendes do Amaral de Alcácer, engenheiros Pitechiler, Pereira Caldas, Vaz da Silva e Felipe Mendes Frazão, capitão Sirgado Maia, assim como muitas senhoras e muito povo.

Formou-se um cortejo até a nova igreja, onde os aguardavam as escolas das Faias e de Pegões, a representação do Oratório de S. José, de Évora, composta por 80 alunos com o padre M'orais, convidados, imprensa, etc.

O sr. bispo de Telmissus benzeu a igreja e deu posse ao seu pároco, padre João António de Deus.

Celebrou-se em seguida missa, cantando o coral os salezianos de Évora, cerimónias sublinhadas pelo toque dos sinos e estralejar dos foguetes.

No salão do Centro Social Médico seguiu-se o almoço volante, e no Centro de Preparação de Trabalhadores outro almoço dos colonos, servido pela F. N. A. T.

Terminados estes repastos, a população de Pegões (Cruzamento e Pegões Gare) entregou ao sr. Subsecretário uma representação em que os povos desses locais pediam a sua integração na freguesia que se vai criar.

O sr. José da Silva Leite, presidente da Câmara Mu-

(Continua na página 3)

VISITA DA Rainha de Inglaterra

Está confirmada oficialmente a visita da rainha Isabel II a Portugal e o seu «desembarque», no dia 16 de Fevereiro, na Base Aérea N.º 6 em Montijo. No nosso último número já nos tínhamos referido a este acontecimento local, embora com as naturais reservas.

Podemos agora dar aos nossos leitores a certeza do facto e acrescentar desde já várias minúcias para conhecimento geral.

A rainha deve chegar àquela Base pelas 16 horas daquele dia e ali irá juntar-se-lhe seu marido, o Duque de Edimburgo. Em seguida, farão a viagem incógnita até Setúbal, onde estarão até o dia 18, dia em

que darão entrada solene e oficial em Lisboa.

Não ocultamos a satisfação que corre nesta vila e zona limítrofe, pois se trata de facto inédito e de enorme significado.

A representante da nossa mais antiga aliada, embora viajando incógnita com seu marido, passará na nossa terra e, decerto, será aclamada como deve e merece. O povo ribatejano não deixará de comparecer em massa e prestará à soberana e a seu marido as homenagens simples e singelas, mas entusiásticas, do seu muito respeito e admiração.

Ainda não está assente em definitivo o programa da recepção e do que se lhe seguirá. Em breve, porém, tudo ficará determinado e tudo será tornado público.

«A Província», cónscia dos seus deveres, está desde a primeira hora associada a essa manifestação de todo o povo montijense, cumprindo os preceitos da hospitalidade, ainda que passageira, e demonstrando igualmente a sua satisfação pelo notável acontecimento.

Até lá, iremos pondo a população ao facto do que se passará e de todos os elementos que nos forem chegando das entidades oficiais.

SANFER, L.ª DA

SEDE

LISBOA, Rua de S. Julião, 41-1.º

ARMAZÉNS

MONTIJO, Rua da Bela Vista

AEROMOTOR SANFER o moinho que resistiu ao ciclone - FERROS para construções, ARAMES, ARCOS, etc.

CIMENTO PORTLAND, TRITURAÇÃO de alimentos para gados

RICINO BELGA para adubo de batata, cebola, etc.

CARRIS, VAGONETAS e todo o material para Caminho de Ferro

ARMAZÉNS DE RECOVAGEM

AGENDA ELEGANTE

Aniversários

— No dia 12, completou 5 anos o menino João José Barreiras Martins, filho do nosso prezado assinante sr. Avelino Martins Tomé.
— No dia 15, a menina Maria Rosália da Fonseca Rodrigues, neta do nosso estimado assinante, sr. Manuel Nunes.

— No dia 18, a sr.^a D. Filomena Pereira Faria, digna professora oficial.

— No dia 21, a menina Maria Amélia Dias Tavares, sobrinha do nosso dedicado assinante sr. Edmundo D. Grage.

— No dia 22, a menina Generosa Maria Cambaia, funcionária dos C. T. T. em Montijo.

— No dia 23, completa a bonita idade de 74 anos a sr.^a D. Felicidade da Silva Horta, sogra do nosso prezado assinante, sr. Edmundo Duarte Grage.

— No dia 23, a sr.^a D. Laura Bernardes, nossa dedicada assinante.

— No dia 24, o menino António Luís de Pinho Fidalgo, e no dia 27, a menina Maria Perpétua de Pinho Jorge, filhos da nossa estimada assinante, sr.^a D. Maria de Oliveira.

— No dia 27, completa 26 anos o sr. Manuel da Silva Ramos, neto do sr. Eduardo Sequeira da Silva, nosso estimado assinante.

— No dia 29, o sr. Julião Pinto Martins da Veiga Marques, filho do nosso prezado assinante, sr. Francisco Pinto da Veiga Marques.

Casamento

Realizou-se na passada quinta-feira, dia 17 do corrente, o enlace matrimonial do sr. João Nunes Martins, funcionário dos C. T. T. na Costa de Caparica, filho do sr. Virgílio Nunes Martins e da sr.^a D. Aurora de Jesus Lopes, natural da Foz de Arouce, Concelho de Lousã, com a gentil menina Esmeralda da Silva, filha do sr. Júlio Bento Vilhena e da sr.^a D. Maria Inácia da Silva, natural de Cereal do Alentejo.

A cerimónia religiosa realizou-se na Igreja Matriz de Montijo, pelas 13,30 h. do dia acima referido.

Apadrinharam o acto por parte do noivo: o sr. Diamantino Carvalho Grade, comerciante em Lisboa, e sua esposa sr.^a D. Nância de Jesus Martins Grade; e por parte da noiva, seu irmão sr. Bento da Silva Vilhena, e sua irmã Georgete da Silva Vilhena, nossa dedicada funcionária. Após a cerimónia, seguiram para Lisboa onde houve um copo de água em casa de família. Os noivos partiram para Sintra em viagem de núpcias.

Ao novo casal «A Província» apresenta os seus sinceros parabéns.

Doente

Deu entrada no Hospital de Santa Maria, de Lisboa, o nosso dedicado amigo e assinante, sr. Gabriel da Fonseca Mimco, por o seu estado de saúde o exigir.

Felizmente, após ali ter dado entrada, sentiu bastantes melhoras. «A Província» faz votos pelo seu rápido restabelecimento.

Concurso Hora Feliz

Só por mais 1 hora, é que o relógio do Concurso da Relojoaria e Ourivesaria Contraestrate, na Praça 1.^a de Maio, em Montijo, não parou na hora da semana passada! E foi assim que o encontramos parado nas:

7 horas e 7 minutos

Foi contemplada a gentil menina Maria Antónia Jorge, R. da Aldeia Velha—N.º 37—Montijo, que tinha o cartão com a hora exacta.

E tão bom quando a sorte bate à porta! Habilite-se, quem sabe se no próximo sorteio o seu nome vem aqui, no CONCURSO HORA FELIZ...

MONTIJO

Praça de Toiros de Montijo

Da Comissão Pró-Praça de Toiros de Montijo, com o pedido de publicação, recebemos o seguinte comunicado:

«A Comissão Pró-Praça de Toiros, em colaboração com as sub-comissões angariadoras de Materiais e Donativos, a favor da construção da Praça de Toiros, convocou para o próximo dia 24 do corrente mês, pelas 21 horas, na Secretaria que funciona numa das Salas do Grémio do Comércio, a reunião preparatória dos trabalhos de organização do desfile do

resse próprio de que o ritmo das obras de construção da Praça de Toiros não sofra alteração e de modo a conseguir efectuar os primeiros espectáculos por ocasião das Festas de 1957.»

A Comissão

Serviço Radiofónico entre Lisboa e Montijo

Segundo correspondência de Londres, publicada em vários jornais, o serviço telefónico de Lisboa e do Porto anunciou que uma firma inglesa foi encarregada de instalar o serviço rádiotelefónico, de frequência modulada, entre Lisboa e a nossa terra.

Esse serviço será feito por duas estações, — uma na Graça e outra em Montijo —, e aqui será construído um edifício com 60 canais, de início, mais tarde aumentando para 240.

Congratulamo-nos com este anunciado melhoramento, o qual, quando realidade, muito facilitará as comunicações desta vila com a capital.

1.º Combóio de Materiais

que levará a efeito no próximo domingo, 27 de Janeiro de 1957, pelas 10 horas da manhã, estando já convocados os principais contribuintes da obra, que possuem veículos e que gentilmente ofereceram os materiais, enviando já, uma parte das suas generosas ofertas para o início dos trabalhos, que está marcado para o dia 28 do corrente.

Dignam-se assistir a esta reunião, pois para tal foi convidada, a Ex.^{ma} Comissão das Festas de S. Pedro, que amavelmente aceitou a colaborar e orientar a organização dos trabalhos, com o inte-

O frio

Também na nossa terra e na nossa região se tem feito sentir, intensamente, o terrível frio.

Com temperaturas negativas, alguns dias 4 e 5 graus abaixo de zero, o frio tem flagelado a população, com a agravante de não choiver, o que prejudica a agricultura regional de forma sensível.

Nos últimos dias, porém, o frio diminuiu, embora ainda a temperaturas muito baixas, dando a impressão de que a vaga vai a passar.

Como não estávamos habituados a semelhantes exageros, muito se tem estranhado o «fenómeno».

Agradecimentos

Mario da Purificação Rosa

Idália dos Santos Rosa Marques e seu marido, Abel Fernandes Tobias Marques, vêm por este meio agradecer a todas as pessoas que se interessaram pela doença daquela sua chorada avó e se dignaram acompanhá-la à última morada.

Para todos, o nosso maior reconhecimento.

PINHAL NOVO

Luísa da Cruz Peralta

Inês da Cruz Margarido, marido e filho, José Augusto Margarido, mulher e filhos, João da Cruz Margarido, mulher e filho, Luís da Cruz Margarido, Maria Luísa da Cruz Margarido, e Vitalina da Cruz Peralta vêm por este meio agradecer a todas as pessoas que se interessaram pela doença e acompanharam à última morada sua querida e chorada mãe, irmã, sogra, avó, tia, prima e parente. A todos, o maior reconhecimento.

Explicações

Liceu e Comércio. Exames de admissão, liceu e escolas técnicas. Rua João Pedro Iça, 46 - Montijo.

Precisa-se

— MARÇANO de 13 a 16 anos, trata na Mercaria de José Profirio Ezequiel — MONTIJO.

Emprestam-se

— 50.000\$00 sobre Hipoteca. Trata na R. Joaquim de Almeida N.º 55.

Igreja de Santo Isidro

(Continuação da página 2)

nicipal de Montijo, que ainda se encontrava presente, deu ao sr. Subsecretário todas as informações acerca do assunto.

Após esta entrevista, o sr. Subsecretário retirou para a capital, sendo muito cumprimentado à despedida por todos os presentes.

«A Província» fez-se representar nas recepções e na inauguração da igreja.

amigas, pois a extinta era muito estimada.

Deixa viúvo o sr. João Soares, e era irmã da sr.^a D. Sofia Cardeira e dos srs. Augusto Cardeira e José Luís Cardeira.

A família enlutada, e em especial aos nossos assinantes, «A Província» apresenta os seus sentidos pêsames.

LUTUOSA

Faleceu no passado dia 22 a sr.^a D. Maria Angélica Quaresma Nepomuceno da Cruz, de 74 anos, casada, natural de Montijo.

O cortejo fúnebre realizou-se no dia seguinte pelas 16,30 horas para o cemitério local, e nele se incorporaram pessoas de todas as camadas sociais, visto a extinta ser muito estimada e querida nesta terra.

Deixa viúvo o sr. dr. Cristiano Victor Leite da Cruz, e era mãe do sr. dr. Manuel Nepomuceno Leite da Cruz, e da sr.^a D. Maria Cristina Nepomuceno Leite da Cruz Motta Pinto, casada com o sr. Vasco da Silva Motta Pinto, digno proprietário do nosso semanário, e irmã das sr.^{as} D. Maria da Glória Quaresma Nepomuceno Gouveia, D. Marta Quaresma Nepomuceno Mora, D. Gertrudes Quaresma Nepomuceno Mendonça, e tia das sr.^{as} D. Manuela Cristina Leite da Cruz Pereira Duarte, e D. Maria Luísa da Cruz Silva Simões.

À família enlutada, em especial aos nossos dedicados assinantes e ao sr. Vasco da Silva Motta Pinto, proprietário, editor e administrador deste jornal, a redacção de «A Província» apresenta as suas mais sentidas condolências.

No passado dia 11 faleceu o sr. António Cardoso Oito-Tostões, de 83 anos, viúvo, trabalhador rural, natural de Montijo.

O funeral realizou-se no dia seguinte para o cemitério local, às 17,30 horas.

A família enlutada «A Província» apresenta os seus sentidos pêsames.

Faleceu no mesmo dia 11 a sr.^a D. Adelaide Augusta Barbosa Fuste, de 76 anos, casada, operária chacinera, e natural de Montijo.

O funeral realizou-se no dia seguinte pelas 17,30 horas para o cemitério de Montijo. Deixa viúvo o sr. Joaquim Barbosa Fuste.

A família enlutada, e em especial ao nosso estimado assinante sr. António Barbosa Fuste, «A Província» apresenta as suas condolências.

Faleceu no dia 12 o sr. José Casas Joves, de 61 anos, casado, de nacionalidade espanhola, e residente na nossa terra há muitos anos. Era chefe das oficinas da Fábrica Mundet, e deixa viúva a sr.^a D. Natália Más Camós de Casas.

O extinto, que era muito estimado em Montijo, era pai das sr.^{as} D. Luísa Casas Areia, esposa do sr.



Luís Tavares Areia, e de D. Clarinda Casas Martins, esposa do sr. Dr. Edmundo dos Santos Martins, nossos estimados assinantes.

O funeral realizou-se no dia seguinte para o cemitério de Montijo. «A Província» apresenta à família enlutada, e em especial aos seus assinantes, as mais sentidas condolências.

Faleceu, no dia 14, o sr. Custódio de Almeida Palhais, de 83 anos, viúvo, proprietário, e natural de Montijo. O seu funeral realizou-se no dia seguinte pelas 17,30 h. para o cemitério local, com grande acompanhamento, pois o extinto era muito estimado pelas suas excelentes qualidades.

A toda a família enlutada, e em especial aos nossos assinantes, srs. Custódio de Almeida Palhais J.^{or} e António da Silva Diniz, «A Província» apresenta os seus sentidos pêsames.

Faleceu no passado dia 21 a sr.^a D. Perpétua Rita Cardeira Soares, de 72 anos, casada, natural de Montijo. O funeral realizou-se no dia seguinte para o cemitério local, acompanhado por muitas pessoas

AGENDA UTILITÁRIA

Farmácias de Serviço

- 5.^a-feira, 24 — Montepio
- 6.^a-feira, 25 — Moderna
- Sábado, 26 — Diogo
- Domingo, 27 — Giraldes
- 2.^a-feira, 28 — Montepio
- 3.^a-feira, 29 — Moderna
- 4.^a-feira, 30 — Diogo

Boletim Religioso

Culto Católico

MISSAS

- 5.^a-feira — às 8,30 e 9 horas.
- 6.^a-feira — às 8,30 e 9 horas.
- Sábado — às 8,30 e 9 horas.
- Domingo — às 8, 9, 10, 11,30; 11,30 (Atalaia); 18 Montijo.

Espectáculos

CINE POPULAR

Quinta feira, 24; (Para 13 anos) Um filme em cinemascópio e technicolor «Ano 2508»; em complemento a engraçadíssima comédia «Passa Paredes» e Revista Paramount.

Sexta feira, 25; (Para 13 anos) Um filme emocionante que revela as actividades dos serviços de espionagem «Homens Sombra»; em complemento, o espectáculo sensorial em technicolor «O Pequeno Egipto», com March Stevens e Rhonda Fleming.

Sábado, 26; (Para 6 anos) Uma história simples e deliciosa que encanta grandes e pequenos «Amigos para a Vida», com complementos curtos e Imagens de Portugal.

Domingo, 27; (Para 13 anos) Uma super-produção alemã de revolta, paixão e ternura «O Anjo Mudo» com Cristine Kaufmann, e complementos curtos.

Segunda feira, 28; (Para 13 anos) A reprise em cinemascópio e technicolor, de grande êxito, «Wichita» com Joel Mc Crea e Vera Miles e em complemento «Bonita e Audaciosa».

Terça feira, 29; (Para 18 anos) Sofia Loren, Charles Boyer e Marcello Mastroeni em «A Sorte de ser Mulher», e em complemento «Depois da Tempestade», com Shelley Winters, Richard Conte e Charles Bichford.

Quarta feira, 30; (Para 18 anos) «O Passeio» com Renato Rascel, Valentina Cortese e Paolo Stoppa, e complementos curtos.

Quinta feira, 31; (Para 13 anos) Um filme em Vista Vision e technicolor, que é mais um triunfo de Alfred Hetchoch, «O Terceiro Tiro», com complementos curtos e Revista Paramount.

CINEMA 1.º DEZEMBRO

Sábado, 26; (para 13 anos) O filme colorido de amor e duelos «No Mar das Caraibas», e o filme cómico e de constantes aventuras «O Rival de Texas Jack».

Domingo, 27; (Para 18 anos) O violento filme em cinemascópio com Alan Ladd, Edward G. Robinson e Joanne Dru «Inferno em S. Francisco». No programa, lindos complementos; e às 18 horas, espectáculo para crianças.

Segunda feira, 28; Programa ainda a anunciar.

Quarta feira, 30; (para 13 anos) O filme colorido de aventuras com o conhecido Tarzan Lex Barker e Patricia Medina «O Duelo no Mississippi», e um filme arrebatador com Alan Ladd «Os primeiros a Morrer».

Praticante / a

Precisa-se. Resposta ao apartado N.º 4 - Montijo.

Fragmentos do Diário Ver apenas o nosso interesse, é egoísmo

de Maria Clara

(Continuação da primeira página)

ela nunca adivinha uma ordem, uma autoridade a que obedeça por medo.

Mandar é a coisa mais absurda e mais prejudicial para a educação infantil.

Não será melhor que a criança sinta por nós um

Por

Hanid Estela

amparo, uma amizade de camaradas mais velhos?

Nunca devíamos manifestar-lhe esta superioridade titânica que procura destruir toda a sua espontaneidade e, muitas vezes, todas as faculdades latentes que se poderiam desenvolver naturalmente.

Eu confesso que acho mais difícil conviver com as crianças do que com os adultos. Porquê? Porque as crianças têm uma maneira de sentir diferente da nossa. Qualquer coisa as revolta e as magoa, e muitas vezes nós não sabemos proceder com justiça.

Uma palavra mais áspera ou um aborrecimento mal dissimulado da nossa parte, faz-lhes sentir dolorosamente que o seu mundo é diferente do nosso; que nós somos nós, com toda a nossa prosápia, a nossa experiência e o nosso despotismo e que elas são elas com toda a sua fraqueza, o seu espanto e ignorância, perante um mundo que pouco a pouco se lhes revela e que as deixa perplexas com os seus múltiplos problemas.

A D. Micaela devia compreender isto, devia sentir isto, para avaliar o erro em que está e o mal que a sua escola faz às criancinhas que lhe confiam.

Elas são simples e precisam que a sua escola seja simples também, com brinquedos instrutivos, fazendo o possível para as pôr em contacto com as coisas maravilhosas e boas da Natureza.

E estas pequeninas coisas do dia a dia podem servir para uma excelente lição.

As florinhas, a luz do sol, as cores do arco-íris, etc. etc., são temas admiráveis para ensinar as crianças, dum maneira cativante, com aquela leve poesia que embala docemente as suas almazinhas ternas.

E falando-lhes nesta linguagem de todos os dias, buscando para o assunto os mil pequenos nadas do mundo em que vivemos, desde as formigas laboriosas até aos leões das selvas, desde a vastidão do mar até uma simples gotinha de orvalho, elas estudarão sem querer, aprenderão sem dar por isso, naturalmente, tal como aprenderam a falar, sem esforço, nem aborrecimento.

Não será isto mais belo, mais simples e mais humano?

Espero que um dia a D. Micaela compreenderá esta verdade, e de futuro os meninos não chorem por causa da escola e sejam eles os primeiros a amá-la e a bendizê-la sorrindo.

bara ansiedade, não hesitava nos processos a seguir, nos meios tirânicos das suas aspirações.

A maioria das lutas fratricidas resultou do entrecchoque dos interesses individuais, sempre que esse Homem se viu postergado em direitos que criara na imaginação, sempre que se julgou prejudicado em benesses que adquirira de qualquer maneira.

Assim vemos que o Egoísmo é tão velho como o Mundo, que surgiu na vida logo que o indivíduo respirou pela primeira vez, já com o pensamento fixo de que mais ninguém poderia respirar.

Tinha uma cabana para se resguardar das intempéries e defendia-a com as garras primitivas para seu único uso. Tinha uma caverna para se refugiar das feras e vedava-a para que não lhe alterassem as comodidades alcançadas; e com as armas que inventara, protegia-se, repelia ataques, travava combates tão ferozes que quase o igualavam às fervas que o atacavam.

E pela vida fora assim se governou.

Até que esse «amor próprio», talvez explicável em razão das condições especiais em que nasceu e viveu, se transformou ao diante nesse maldadado Egoísmo que tantos males havia de espalhar na Terra: o orgulho, a vaidade, a cubiça, a avareza, a opressão, a tirania...

O «amor próprio» ainda se desculparia com a necessidade imperiosa de cada qual tratar da sua própria conservação, de velar por si através das forças que o rodeavam e o acotovelavam. O Egoísmo, porém, é que foi desde logo condenável porque, sem a solidariedade humana, a existência não passaria dum safara campina onde os viventes se esgatahariam para apanhar a raiz solitária do seu apetite.

O Mundo marchou, o Progresso e a Civilização marcharam, tudo se modificou e tudo apareceu com novas teorias redentoras. O Egoísmo ficou impassível. Nada o comoveu. E se algumas vezes se comove, é ainda pelos seus interesses, é ainda com receio de perder os bens adquiridos, é principalmente para que se veja, para que conste, para que lhe passem diplomas protectores das horas más que podem avizinhar-se.

No fundo, o Egoísmo perdura. Não vê o que se passa ao pé da sua porta, mas vê as desditas longínquas e todo se confrange com elas...

Onde está a sinceridade de tais gestos? Se efectivamente fosse Altruismo, há

muito se teria difundido por tantas e tantas infelicidades que fervilham à sua roda. Este notável aspecto é a confirmação de que nunca

Por

ÁLVARO VALENTE

mudou, de que continua a preocupar-se apenas com as vantagens, com os proveitos que desses gestos lhe podem advir.

E enquanto assim for, — o ver apenas o nosso interesse, é o mesmo Egoísmo!

Daqui se conclui que a Humanidade pouco ou quase nada ganhou com o estudo de milhentas filósofos, cien-

tistas, inventores, pensadores, tratadistas.

A estrutura fundamental do Homem é, afinal, idêntica à dos tempos primitivos.

E é esta estrutura, justamente, que é preciso refundir, pôr em moldes coerentes, sinceros, equitativos para que deixe de se enganar e enganar os outros e ocupe o pedestal que lhe pertence.

Temos a certeza de que o Egoísmo há-de desaparecer da Terra, quando a educação moral do indivíduo o convença de que vive mais para os outros do que para si, de que todas as misérias, aqui e ali, neste ponto e naquele, merecem igualmente a sua atenção e seu ALTRUISMO.

Publicações Recebidas

— Terras de Portugal — N.º 60 (480) — Janeiro de 1957.

Director: *Herculano Costa Pereira* — Redacção: R. do Anjo, 35 — Braga.

Antes de mais, enviamos à excelente Revista os nossos efusivos parabéns pelo seu 28.º aniversário. Desejamos-lhe, pois, as maiores prosperidades futuras, agradecendo as palavras e as saudações que dirige à Imprensa Regionalista, à qual «A Província» orgulhosamente pertence.

Cumprido este dever, faremos as costumadas referências. O número agora enviado insere reportagens de Pias, Santo Tirso, Arcos, Anadia, etc., todas ilustradas e com os respectivos textos da colaboração.

Afora isto, todo o restante em secções curiosas e interessantes.

Muito gratos pelo exemplar que nos enviaram.

— Notícias da Venezuela — Boletim de Informação da Legação.

Lisboa — Dezembro de 1956 — N.º 91.

Todo o Boletim muito elucidativo acerca da marcha progressiva daquele país. Importante a descrição dos trabalhos realizados naquele ano e que ascendem a 1.704.770.008,66 bolívares.

Do mesmo número se conclui também a situação próspera, económica e financeiramente, da Venezuela.

Agradecemos, muito sensibilizados, à Legação a remessa deferente de mais este exemplar.

— Boletim do Banco Português do Atlântico.

N.º 12 — Dezembro de 1956 — Ano 26 — Sede Social no Porto; sede central em Lisboa.

Depois da descrição dos objectivos do Banco e do Boletim, inclui vasta matéria acerca da exportação e importação, assuntos bancários, vida financeira das empresas, carteira de títulos, cotações, etc..

Como sempre, muito útil e proveitoso para os interessados.

Agradecemos o exemplar e retribuimos as Boas Festas que nele nos dirigem.

PORTUGAL PITORESCO CASCAIS

(Continuação da 1.ª página)

No terminos da linha férrea, poucos passos andados, alí estamos em contacto com a praia mais turística dos arredores de Lisboa, proporcionado aos que a procuram inefáveis momentos de bem estar.

O velho anécdot: A Cascais, uma vez e nunca mais» desapareceu há muito para se transformar num outro mais acertado: «A Cascais, uma vez e muitas mais».



TELEVISÃO

Agente:

A. J. Ventura & Filho, L.º

R. Guerra Junqueiro, n.º 4
Telef. 026495 MONTIJO

Liga Portuguesa de Profilaxia Social

A campanha contra o pé descalço

A Liga Portuguesa de Profilaxia Social tem muito prazer em tornar público o honroso ofício que, gentilmente, lhe foi endereçado, a propósito da campanha contra o pé descalço, pelo sr. Dr. António Maria Pinheiro Torres, ilustre Chefe da Delegação no Porto do Secretariado Nacional da Informação, Cultura Popular e Turismo:

Cumpre-me, gostosamente agradecer a V. V. as ofertas do livro «O Pé Descalço», — Uma vergonha Nacional.

O sub-título dessa obra sintetiza por forma feliz, o que representa esse desmazelo e hábito da gente portuguesa.

Eu sei, mercê das funções que exerço neste departamento, a impressão deplorável com que os estrangeiros ficam ao ver tanto pé descalço, que nos desacredita como nação civilizada.

E de louvar, de encarecer, de exaltar — toda a campanha contra o pé descalço levada a efeito por essa Liga.

Bem hajam, meus Senhores!

Renovando os meus agradecimentos, felicitando-os pelo êxito obtido e incitando-os a prosseguirem na eminente batalha, no que podem dispor dos nossos Serviços em tudo que os auxilie, apresento a V. V. as minhas homenagens.

Tendo V. Ex.ª que efectuar Seguros em qualquer ramo não deixe de consultar

Luís Moreira da Silva

Rua Almirante Reis, 27

Telefone 026 114

MONTIJO

MORREU um homem inteligente

No 1.º aniversário do seu passamento

Perdi um velho amigo, daqueles a quem uma enraizada amizade se sobrepunha a todos os vendavais da Vida: o Padre António Gomes Pólvora.

Quando em tempos antes da sua morte, acompanhando-o do Lumiar aos Restauradores, lhe dei num «eléctrico» um abraço ao despedir-me, mal pensava eu que era a última vez que o via.

Desde o nosso primeiro convívio até aquele último dia que o acompanhei, um forte laço de sincera estima nos ligou sempre pela vida fora, na já longa caminhada de trinta e tantos anos.

Fui um dos mais íntimos de sua casa, e como auxiliar do meu sempre muito querido e saudosíssimo Dr. Manuel da Cruz Junior, prestei na prolongada doença de seus pais toda a assistência de que eram merecedores.

E esse cumprimento do meu dever, revelou-me uma das grandes qualidades da sua bela alma.

A. GRATIDÃO

Ainda era daqueles que a possuía!

Foi também um dos raros que me acarinhou nas minhas infantilidades literárias; e nunca esquecerei quanto me estimulou.

Admirava-o na sua boa disposição, de que sempre usava, de conversador espirituoso; de orador fluente e espontâneo; da análise e do profundo conhecimento que tinha de certas almas; da agudeza das suas críticas; do desmerecimento das suas opiniões; do desassombro dos seus conceitos; da cultura de seu espírito e da erudição dos seus trabalhos literários.

Não precisava incensar para criar um escol de amigos; tinha bem vinculada a sua personalidade para generalizar amizades.

Nunca o escutei como Padre, conversava sempre com o amigo.

Era superiormente inteligente para não tocar num assunto que sentia nunca poderíamos estar de acordo.

E isso definia o Padre e o Homem.

Não desço à mesquinhez de evocar as razões que o forçaram a sair de Montijo.

Não merece... nem vale a pena descer a tanto!

Os actos ficam para quem os pratica... revelando-nos as almas com os sentimentos que as definem.

Entre as pessoas normais, justas e sensatas, também existem as dos contrastes: As que se revestem de auréolas de santos e sobem aos Céus... e as que vivem de ínfimas misérias morais!

O que não pode é o meu sentimento grato de Montijense e de amigo, perdoar a ingratidão de



Padre António Gomes Pólvora

certas almas que puderam esquecer tão depressa a grande obra reconstrutiva do Padre Pólvora, a quem algumas vezes ouvi dizer:

— «Quando eu vim para Montijo, quem me recordo de ir à missa era seu avô, seu tio Joaquim, e a velha professora D. Vitória...»

Era ele que o dizia, não fui eu que vi... porque também não ia lá!

— «Estava velho!...» «Já não servia!» «Que tinha erros!» Se

todos têm... desde os mais insignificantes aos grandes génios, com as suas anomalias!

O que é bem doloroso na vida, e ele devia-o ter sentido bem, é a percepção da inutilidade pela velhice!

Mas ele não era um inútil, nem um velho!

— E mesmo velho que se esteja, há o direito de ser posto de parte como um trapo inútil, esquecendo tudo quanto de Bom se fez pela vida fora, em proveito do nosso semelhante?

Quantas renúncias... trabalhos... esforços... canseiras... — por uma obra que se sonha e se realiza; ou por uma assistência dia a dia em acção social com o altruísmo que dignifica um homem! — Com o acrisolado sentimento como que ele se dedicou ao Orfanato, com a dedicação que tinha por tudo quanto significava Caridade!

Pelo amor que tinha a uma terra que não era sua, mas que ele considerava como tal, pela popularidade que criou em todas as camadas sociais!

Pela amizade sincera de alguns íntimos de há já uns longos trinta e tantos anos!

E tudo isto se esquece e se permite por... mesquinhez de certas almas!

Mas até na própria morte ele soube dar-lhes uma grande lição, que para aqueles que, como eu, sentiram profundamente a sua perda, muito e muito os sensibilizou: A resolução tomada, ao sentir aproximar-se o seu fim, de *querer vir morrer a Montijo*.

Para os que sentem como eu o significado do seu pensamento e vontade, intensifica-nos e força-nos a sermos sempre infinitamente gratos a esse dedicadíssimo amigo que perdemos.

«Saiu morrer como o bom não soube»

Assim o escrevi num dia um grande poeta; mas ele soube viver praticando o Bem, e morrer com dignidade!

Não nos admira essa sua atitude, porque o Padre António Gomes Pólvora, era um *Homem inteligente*.

Manuel Giraldez da Silva

O PADRE António Gomes Pólvora e «A Província»

Desde a primeira hora que o nosso jornal dedicou à memória do insigne sacerdote as suas justas homenagens, ainda quando Montijo em peso exteriorizava o seu pesar e acabava de o acompanhar à última morada, numa fúnebre manifestação difícil de igualar.

Agora que um ano passou sobre o infausto acontecimento, sentimos-nos no dever de consagrar esta página dolorida à evocação desse vulto venerando que desapareceu da nossa terra, onde era querido e estimado por todos, — gregos e troianos.

Durante 35 anos aqui viveu entre nós; e a sua extrema bondade, a sua inolvidável tolerância, o seu trato afável e lhano, o seu espírito de bem tratar e bem fazer deixou na mente de

quantos o conheceram aquela indelével recordação que apenas deixam os bons, os sinceros beneméritos, o que, pelos méritos, pelas acções, pelos sentimentos conseguiram a estima dos concidadãos.

Foi assim o rev.º padre Gomes Pólvora. Nada mais fazemos do que juntar esta modesta homenagem às que todo o povo montijense consagrou ao seu passamento e continua a consagrar à sua memória, por ocasião do primeiro aniversário da sua morte.

«A Província» curva-se respeitosamente perante esse nome e essa memória, associando-se, por este meio, ao preito e às manifestações eloquentes que lhe são prestadas.

Dr.ª Perpétua de Vilhena

CLÍNICA DE BOCA E DENTES

Consultas às: 3.ªs, 5.ªs, e Sábados.

— Praças de Policlínica —

Rua Ivens, 26 - 1.º

Telef. 25626 = LISBOA

Fotofilme

Trabalhos para amadores

Fotografias d'Arte

Aparelhos fotográficos

Reportagem Fotográfica

Rua Bulhão Pato, 11 - MONTIJO

Homenagem de Saudade

Uma Comissão, composta pelas sr.ªs D. Irene Salgado, D. Maria de Oliveira Costa, D. Ilda Mendes Capela, em colaboração com o sr. Prior Manuel Gonçalves dos Santos, promove uma homenagem de saudade à memória do Reverendo Padre António Gomes Pólvora, com o seguinte programa:

DOMINGO — 27 de Janeiro — Às 15 horas, toque de sinos de finados, às 16 horas, organização de um cortejo com os Organismos paroquiais, partindo da Capela do Cemitério para junto da sua campa.

Absolvição solene — Por sua alma e inauguração de um modesto mausoléu, adquirido por inscrição voluntária de um grupo de amigos.

SEGUNDA - FEIRA — 28 de Janeiro — Às 11 horas,

Congratulamo-nos com os desejos de S. Ex.ª o Sr. Subsecretário Nacional e estamos certos de que, nesta nossa congratulação, nos acompanha toda a população de Montijo, que tanto ficou a dever a este seu falecido pároco.

Prof. José Manuel Landeiro

Missa Cantada de Réquiem e absolvição. Distribuição de um bodo aos pobrezinhos.

A Comissão convida, com todo o carinho, toda a população montijense para essa homenagem, e espera que, como demonstração de gratidão por aquele que tanto se esforçou pelo bem da nossa terra e tanto acudiu à nossa pobreza, todos compareçam.

Este número de «A Província» foi visado pela CENSURA

Obras de Alvaro Valente

— «Eu», livro de sonetos, esgotado; «Daqui...fala Ribatejo», contos monográficos, 30 escudos; «Pedacos deste Ribatejo», folclore e costumes, 30 escudos; «A minha visita ao museu de S. Miguel de Ceide», folheto, 5 escudos; «Hino a Almada», em verso, 10 escudos; «Grades Eternas», estudos sociais, 15 escudos; «Vidas Trágicas», romance, 15 escudos; «Viagem de Maravilhas», reportagem, 20 escudos. Pedidos à Redacção de «A Província».

O Padre Gomes Pólvora

Benemérito da Cultura Popular

Durante um ano, após o falecimento do saudoso Padre Gomes Pólvora, muito se tem escrito sobre a figura veneranda e saudosa deste Prior de Montijo.

A História a quem pertence, fora de paixões, julgar os homens com todos os seus defeitos ou virtudes, começou já a ocupar-se da vida e obra do sacerdote que fez a freguesia de Montijo, levando-a a retomar as suas antigas tradições cristãs que outrora foram apanágio destas Terras da Ordem de Santiago.

O crítico literário de «Reconquista», jornal paroquial de Castelo Branco, ao referir-se ao reverendo Padre Pólvora, disse, entre outras coisas «que, por algum tempo mais, se estenderá a admiração e a veneração — se Deus quiser — em Portugal e no mundo, ao Reverendo Padre Pólvora».

Quem escreve estas palavras é um jornalista católico e professor liceal, que, à causa da Igreja tem dado o melhor dos seus esforços.

O «Notícias da Covilhã», órgão do clero na Diocese da Guarda, ao referir-se ao nosso

livro «Retalhos da vida dum Sacerdote — o Padre Gomes Pólvora —», escreveu: — Numa palavra: óptimo livro, escrito numa linguagem sempre elegante, que muito poderá ajudar os Neo-sacerdotes nas suas lides paroquiais.

Como tivemos ocasião de já nos referir tanto na imprensa como naquele nosso trabalho biográfico, o falecido sacerdote foi um grande amigo da cultura popular, tendo criado no cartório paroquial a *Escola do Pé Descalço* que ele manteve, durante anos, à sua custa. O mesmo poderemos dizer na cadeia comarcã.

Isto soube-se nas estações superiores do Ministério da Educação Nacional, já depois do falecimento do virtuoso e dinâmico sacerdote ter falecido. E como nem sempre é tarde para galardoar os que trabalham, Sua Ex.ª o Subsecretário da Educação Nacional, dr. Baltazar Rebelo de Sousa, exarou, em 3 de Julho último, o seguinte despacho que nos foi comunicado pelo Chefe dos Serviços Centrais da Campanha Nacional de Educação de Adultos, em seu

ofício n.º 2065, de 9-8-56, que diz o seguinte:

«Estudam os Serviços Centrais da Campanha a possibilidade de se efectuar no início do próximo ano lectivo uma demonstração das suas actividades em Montijo, aproveitando-se o ensejo para prestar pública homenagem à memória do Rev. Padre Gomes Pólvora, nomeadamente pela acção desenvolvida contra o analfabetismo e a difusão da cultura popular. Lisboa, 3-6-956. Rubrica de S. Ex.ª o Subsecretário do Estado».

Com este despacho, o ilustre estadista do Governo da Nação pagou uma grande dívida já há tanto tempo em aberto para com este obreiro da Instrução, a qual dará viabilidade, logo que possa ser, pois, como sabemos por declarações públicas feitas pelo ilustre Titular da pasta da Educação Nacional, os serviços da Campanha foram remodelados, e os serviços culturais vão passar para o Ministério da Educação Nacional.

Só depois da «casa arrumada» se poderá dar cumprimento àquele despacho.

DESPORTOS *Basquetebol*

Futebol Campeonato Nacional da 2.ª Divisão

Montijo, 2 - Arroios, 0

Formação das equipas:

Montijo: — Redol; Valentim e Anica; Santana, Manuel Luis e José Paulo; Barriga, Veredas, João Mário, Mora e Ernesto.

Arroios: — Carvalho; Mendes e Almeida; Simpliciano, Isaac e António Silva; Ferreira, João Silva, Severiano, Amadeu e Custódio.

Árbitro: — Mário Mendonça, de Évora.

Campo: — «Luis de Almeida Fidalgo», em Montijo.

Jogo normal, quase sem incidentes e de pouco relevo.

O Arroios combativo, entusiástico de entrada, talvez com aquelas «peneiras» de que se usa e abusa agora, a propósito de tudo e de nada.

O Desportivo errando de princípio, com seu jogo alto e o vento forte pela frente, alcançou depois

o reajustamento devido, dominando territorialmente grande parte do encontro.

O nosso Clube ganhou porque merecia ganhar. Na primeira parte, pouco confiado na vitória com o único golo conseguido, ainda teve hesitações, oscilações de actuação da defesa. Na segunda parte, depois do segundo golo, melhorou a olhos vistos e o jogo modificou-se por completo.

Voltou-se à ligação dos elementos, tão precisa sempre na consequente homogeneidade de esforços, e reinou a ordem e tranquilidade.

Fazemos, porém, a costumada justiça. O Arroios nunca desanimou e desportivamente cumpriu até o fim o seu dever, com o mesmo ardor, com a mesma vontade. Faltou-lhe o ponto de honra, como seria natural. No entanto, não se inferiorizou, e, se não atingiu esse

ponto, foi porque o guardião do Desportivo, mais uma vez «um grande jogador», o não consentiu.

O golo da 1.ª parte foi marcado por Mora; o da 2.ª por Ernesto.

Dos nossos, distinguiram-se Redol e Anica; dos lisboetas, Simpliciano, Mendes e Amadeu.

A arbitragem, sem dificuldades, foi, entretanto, irregular, vendo «coisas» invisíveis e não vendo outras bem à vista.

Em resumo: encontro normal, correcto, e verdadeiro.

Com ele, o Desportivo vai em 2.º lugar na classificação, com 28 pontos, enquanto o Farense vai em 1.º com 32.

Já quase não existem dúvidas de que o Desportivo irá à fase final.

Lá estará convosco, assim o espera, o vosso

João di cá

Arrenda-se

— ARMAZÉM nas Nascentes. Informa B. da Barrosa, 28 — Montijo.

Câmara Municipal de Montijo

Inquérito para reconhecimento da utilidade pública de energia eléctrica no Concelho.

JOSE DA SILVA LEITE, Presidente da Câmara Municipal de Montijo:

Faz público, nos termos do § 1.º do art.º 7.º do Regulamento para a concessão e estabelecimento das instalações de interesse público, aprovado por Decreto n.º 14.829 de 5 de Janeiro de 1928, que para os efeitos de reconhecimento de utilidade pública de energia eléctrica, neste Concelho, foi publicado no Diário do Governo n.º 298, III série, de 21/12/956 o seguinte «PROGRAMA DE INQUÉRITO»:

Programa de Inquérito

Na secretaria da Câmara Municipal do Montijo será aberto inquérito público relativo ao pedido da mesma Câmara Municipal tendo por objecto a declaração de utilidade pública das suas instalações de distribuição de energia eléctrica na área do referido concelho.

Os elementos para apreciação do pedido são os seguintes:

1.º

A Câmara Municipal pretende explorar, por intermédio dos seus serviços municipalizados de electricidade, redes de distribuição pública de energia eléctrica na vila do Montijo e em várias freguesias do concelho, nos termos e em harmonia com as condições de venda aprovadas por portaria publicada no Diário do Governo n.º 163, 3.ª série, de 15 de Julho de 1955.

2.º

No pedido pretende-se obter as vantagens concedidas às instalações eléctricas de utilidade pública, e em especial as enumeradas no artigo 16.º do Regulamento para a Concessão e Estabelecimento das Instalações Eléctricas de Interesse Público, aprovado pelo Decreto n.º 14.829, de 5 de Janeiro de 1928.

3.º

As referidas condições de venda estabelecem tarifas degressivas, em função da utilização ou do consumo, para todos os usos de energia eléctrica e fixam os preços de venda ao público de cada kilowatt-hora nos valores seguintes:

Tarifa geral de iluminação e outros usos	2\$50 a \$60
Tarifa doméstica geral	2\$50 a \$60
Tarifa doméstica especial de iluminação para consumidores pobres	1\$70
Tarifa de iluminação de montras e anúncios luminosos	1\$40 a \$90
Tarifa de força motriz industrial	1\$40 a \$61
Tarifa de força motriz agrícola	1\$20 a \$65

4.º

A todos é lícito, durante o prazo do inquérito, reclamar o que tiverem por conveniente, fornecer as indicações ou observações que julgarem úteis e informar concisamente sobre as vantagens ou prejuízos que a declaração de utilidade pública poderá vir a produzir para o comércio, indústria e agricultura regionais ou nacionais e, de um modo geral, para todas as formas de actividade económica e sobre as garantias que conviria exigir ao distribuidor no interesse local ou geral.

5.º

As referidas condições de venda de energia eléctrica estarão patentes ao público na secretaria da Câmara Municipal do Montijo e na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, em Lisboa, na Avenida de Fontes Pereira de Melo, 26, 2.º, pelo menos em seis horas de cada dia útil, durante o prazo de oito dias, contados da data do edital que, com este programa, será afixado nos lugares do costume.

O presente programa de inquérito será publicado num jornal local, se o houver.

São, portanto, convidados os interessados, por si ou seus representantes, e em geral todas as pessoas e corporações públicas, a examinar as condições de venda de energia eléctrica e a apresentar, durante o prazo marcado no respectivo edital, reclamações e respostas que tiverem por convenientes, as quais, escritas em papel comum e devidamente assinadas, serão entregues na Câmara Municipal do Montijo ou enviadas pelo correio em carta registada, dispensando-se o reconhecimento das assinaturas se o presidente da Câmara informar que são dos próprios signatários.

Para constar se publica o presente e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares públicos de todas as freguesias do Concelho.

Montijo, 21 de Janeiro de 1957

O Presidente da Câmara,

a) José da Silva Leite

Montijo, 23 - Barreirense, 31 (JUNIORES)

Encontro realizado no passado domingo, dia 20, em Montijo, e a contar para o Campeonato Regional.

Sob a arbitragem do Sr. Frederico Sobral, as equipas alinharam: **MONTIJO:** (9 cestas e 5 lances livres transformados em 16 tentados) José Maria (14), Dias, Cepinha (8), Castanheiro, Ribeiradio (1) e Fernando.

BARREIRENSE: (13 cestas e 5 lances livres transformados em 16 tentados) Cândido, Fragata (7), Gonçalves, Jorge (10), Perneco (10), Helder (2) e Cipriano (2).

Ao intervalo 15-13 a favor de Montijo.

Depois das jogadas iniciais do encontro, julgávamos viável a vitória dos montijenses. E vamos dizer porquê: Primeiramente começámos logo por notar que o Barreirense esta época não apresenta juniores com a categoria como a demonstrada por aqueles que fizeram parte da equipa que durante três anos consecutivos (os três últimos) foi campeã Nacional da categoria.

Ainda nos foi dado observar que também a movimentação do «cinco» não está tão clara, quer dizer, os jogadores que compõem a equipa não se mostram tão conhecedores do esquema como os seus antecessores, seja por pouca capacidade individual ou por falta de mentalidade para a sua execução. Dizemos isto porque sabemos todos os juniores Barreirenses começaram a sua educação desportiva bastante cedo, e quando chegam à categoria já estão bastante evoluídos na arte de dominar a bola.

Por conseguinte, qualquer daqueles predicados tem a justa causa nesta nossa afirmação.

E foi até o último pormenor indicado por nós, o tempo de aprendizagem, a origem, afinal, da vitória do Barreirense.

Depois de ter terminado a primeira parte na posição de vencedor, faltou ao Montijo aquela calma, que muitos chamam «calo», indispensável para o seguramento do resultado e assenhoramento do comando do jogo.

O entusiasmo surgiu e com ele a precipitação própria de quem ainda não sabe jogar entusiasmado.

O Barreirense, então, aproveitou. O seu «princípio» de preparação começou-se a notar. O sentido de passe, pormenor fundamental, e acima de tudo maior presença, mais «acostume», fizeram com que saísse vencedora a equipa que talvez não merecesse ganhar.

Outro pormenor do encontro foi a luta das tabelas. Os rapazes montijenses não estão habituados a jogar assim. O Barreirense, com um jogador de 1,90 m., dominava nos ressaltos e só muita valentia anulava por vezes essa diferença de estatura. Mas isso, como não podia deixar de ser, desgasta.

Fez falta o tal «princípio» a que aludimos e de que os Barreirenses são fartos, contrasta, mas sucede infelizmente, porque as suas condições, os seus apetrechos «escolares» são indiscutivelmente superiores.

Excelente arbitragem do sr. Sobral.

Luciano Mocho

Concurso de Prognósticos

Cupão N.º 18

Acertaram em 12 resultados 5 concorrentes: Manuel Arroja Beatriz, Rua da Regeneração, 32 - 2.º - Porto; Ricardo Trinca, José Rodrigues da Costa, Cristiano de Sousa Ferra, de Montijo; e António Pedro da Conceição, Canha.

Prémios para o cupão n.º 20

Aos que acertem em todos os resultados

1.500\$00

em compras em estabelecimento à escolha do contemplado

Aos que acertem em maior número de resultados

Lanternas eléctricas de algibeira (sem lâmpada e sem pilha), mais uma oferta da SETEL, a maior casa em artigos eléctricos em Montijo.

CORTE POR AQUI

CUPÃO N.º 20

Concurso Prognósticos de Futebol de «A Província»

1.ª Divisão		2.ª Divisão (Zona Sul)	
Cuf	Porto	Montijo	«Os Leões»
Caldas	Covilhã	Estoril	Olivais
Belenenses	Sporting	Olhanense	Arroios
Atlético	Benfica	Portalegre	Farense
Oriental	Académica	Portimone.	Almada
Setúbal	Torreense	Coruchense	Juventude
Lusitano	Barreirense	Montemor	Beja

Nome

Morada

Localidade

Enviar este cupão até às 12 horas de Domingo 3

do Minho ao Guadiana

Aldeia do Bispo

(PENAMACOR)

Padre José Maria Lopes Nogueira

Após uma terrível doença, que durante anos suportou com verdadeira resignação cristã, faleceu em Aldeia de João Pires, o sr. P.º José Maria Lopes Nogueira que, durante 30 anos, parou com zelo de invulgar apóstolo estas duas freguesias.

Embora já se esperasse, desde há muito tempo, este desenlace, o seu falecimento causou a mais profunda consternação nestas duas freguesias que ele tanto estimava e, por sua vez, elas o estimavam. O funeral efectuou-se no dia 22; e o grandioso número de pessoas, que nele se incorporou, demonstrou aquela amizade sincera que as duas freguesias lhe tributavam. Durante o percurso fez-se ouvir a Filarmónica de Aldeia de João Pires que ele fundara, em 1911, com tanto carinho, e que regera por diversas ocasiões. Colocado em Aldeia de João, logo após a sua ordenação em Cernache do Bonjardim, aqui esteve durante seis anos, sendo obrigado, por motivos políticos, a emigrar para o Brasil, em 1911.

Aqui, dedicou-se ao magistério, à pregação, à música e ao jornalismo. Após uma amnistia, voltou para Portugal, tendo sido colocado nas freguesias de Bogas de Baixo e Janeiro de Cima, onde fundou uma filarmónica. Em Outubro de 1926 foi colocado em Aldeia do Bispo e Aldeia de João Pires. Nessa altura, nesta

aldeia, havia-se começado a construção de uma nova igreja. O P.º José Maria continuou a obra, despertando em todos o brio, dando ele o exemplo, contribuindo para ela com os honorários que ganhava na freguesia. O mesmo fez em Aldeia do Bispo, mandando fazer dois altares laterais, que mandou dourar, e bem assim o altar-mor, que veio da capela do seminário da Guarda. Colaborou, ainda que incógnito, em diversos jornais entre eles a Gazeta de Coimbra e «A Província». O Padre José Maria não limitou a sua acção apostólica às quatro paredes das suas igrejas, mas aproveitava todos os lugares e meios para exercer o seu fecundo apostolado. Por isso o seu desaparecimento foi muito sentido e a sua memória ficará por muitos anos na lembrança das duas freguesias, até aí rivais, mas que ele soube congregar em estreita amizade como se fosse uma só. — (C.)

Alcochete

A simpática e vizinha vila de Alcochete comemorou no dia 13 o 59.º aniversário da restauração do seu concelho.

A seguir à alvorada com girândola de morteiros e hastear das bandeiras, nos Paços do Concelho, a Filarmónica Imparcial 15 de Janeiro, percorreu as artérias principais da vila, acompanhada de muito povo.

A Câmara, no final, ofe-

receu um copo-de-água aos executantes da Banda.

A's 22 horas procedeu-se, no salão nobre dos Paços do Concelho, a uma sessão solene a que presidiu o presidente do Município, sr. Rui de Sousa Vinagre, ladeado pelos vereadores: srs. João Lopes de Figueiredo, João Lopes Seixal, Augusto Gonçalves, António Silva, e pelo presidente da Junta de Freguesia, sr. Armando Trindade. Usou da palavra o sr. presidente da Câmara que enalteceu a acção dos Bombeiros Voluntários, seguindo-se o sr. Homero Lopes Trindade. Depois distribuíram-se os prémios escolares aos alunos com melhor classificação no ano findo.

Finda a sessão, houve marcha luminosa, em que se incorporou a banda e os representantes locais, que se encaminharam para o Largo Barão de Samora Correia a fim de inaugurar o busto do saudoso benemerito Carlos Ferreira Prego, — 3.º Barão do mesmo nome.

O busto foi descerrado por dois asilados do Asilo Barão de Samora Correia.

Falaram o provedor da Misericórdia, sr. Leite Cunha, e novamente o presidente da Câmara, que enalteceu a memória daquele benemerito.

A Banda Imparcial tocou nessa altura o hino do Concelho.

E encerrou as comemorações a mesma Banda, festejando também o 59.º aniversário, com um grandioso baile na Sede. — (C.)

Data bouz Fotografias

Foto Montijense

Almada

Dos B. V. desta vila recebemos o seguinte comunicado:

Bombeiros Volunt. de Almada

SORTEIO

Em virtude de 80 por cento dos possuidores de bilhetes destinados ao sorteio não terem respondido aos respetivos apelos feitos pela comissão organizadora do mesmo, e em presença do insucesso resultante do pequeno número (20 por cento apenas) do total da emissão de bilhetes vendidos, vê-se esta bem a seu pesar coagida a anulá-lo.

Nestas circunstâncias e na impossibilidade legal de o poder prorrogar, previnem-se os portadores dos bilhetes pagos que podem receber as importâncias respectivas todos os dias úteis, das 15 às 17 horas, a partir do próximo dia 1 de Fevereiro de 1957, na sede desta corporação, na Rua Engenheiro Sá e Melo, Lote 23.

As pessoas que pela sua bondade e espírito humanitário desejem oferecer à Corporação as importâncias dos bilhetes como óbolo, para atenuar os prejuízos sofridos, desde já agradece profundamente penhorada

A Comissão

Dactilógrafo / a

Precisa-se, sabendo francês e Inglês. Resposta — Apartado 4 — Montijo.

Raças leiteiro -- manteigueiras portuguesas

(Continuação da última pág.)

nuinas características é a arouquesa, especialmente no Distrito de Aveiro, pelos motivos já expostos.

Com as outras, à excepção da turina, não acontece o mesmo. Têm já uma mistura de sangues que muito tem contribuído para a perda dos sinais e qualidades que caracterizam essas raças, o que é pena.

Na região do Jarmelo também existe a cabra jarmelista, extraordinariamente leiteira, chegando a atingir no máximo da sua produção quatro litros de leite por dia.

Com o Decreto-Lei publicado ultimamente, que proíbe a venda do leite de cabra em natureza e dos seus queijinhos frescos, tão apreciados, por causa da febre de «malt», é natural que este animal se extinga por completo, como aliás está desaparecendo todo o nosso gado caprino.

À excepção da raça turina, todas as que descrevi, incluindo a cabra jarmelista, são raças que só vivem bem dentro da sua área de dispersão. Uma vez levadas para outras regiões, perdem quase por completo a função do leite e os seus descendentes definham-se.

Por conseguinte, são animais puramente regionais e não toleram outras regiões a não ser a sua.

Horácio Pereira Magro

Ovos de incubação

De pura raça inglesa (Sussex). Recebem-se encomendas. Jacinto Levy Ramos Dias Telf. 026 247-R. Almirante Reis 116-118 — MONTIJO —

Aldeia do Avesso

Por Alvaro Valente

Ela tinha peso na aldeia. Rara a casa onde não entrara para aflições, — vastos conhecimentos dos momentos críticos, sempre bem disposta para animar as parturientes nas horas difíceis.

E depois, não era interesseira. Com qualquer coisa se contentava: — taleigada de batatas e bilhita de azeite, vestido novo pró baptizo e seu lugar distinto no dia do sacramento, no cortejo e na mesa.

Toda aquela «canalha» de há trinta anos a essa parte lhe passara pelas mãos, a todos defumara e pusera cueiros!

Assim mesmo, solteirona impenitente, amealhara o bastante para a compra da Quinta da Boa Vista, — vendida ao desbarato pela retirada dos donos na fiuza da emigração. Com dois sobrinhos em casa e uma prima antiga e rebujenta, governava o barco sem grandes atribuições.

A quinta dava e sobejava. Boas terras, muita água, e uma «baixa» apoplética de humo que lhe oferecia todos os anos carradas de milho, abóboras, tomates e hortaliças.

Ainda prás crescenças, vinham chamá-la amiude dos «arredois», e nesses casos havia pagas largas e substanciais que compensavam. Por favor e dó, — apenas na sua aldeia; prós de fora, dos casais e herdades, tabela fixa e carro à porta.

Também, logo que precisava, a aldeia comparecia e poucos recusavam ajuda.

As «cascadas» da comadre Felícia tinham fama.

Era certa e abundante a merenda; e metia sempre cantigas e bailaricos.

— Noite cheia e de regalo!

Os namoriscos até se pelavam!, — esperanças de apertos, de graças, e de licenças.

Vinha o mês em princípio e já a mocidade espreitava a labuta da quinta e a aproximação da festa.

Em tempos que já lá iam, — verdade seja! — ninguém faltava e havia até dificuldades na escolha; modernamente, depois que a civilização entrara de pantufas, era o contrário: — a comadre tinha que procurar as dos mais recentes favores e as famílias, pois as outras e os outros já se esqueciam e já se faziam rogados.

Muitos prometiam, «sim, senhora, lá iremos»; e no fim não apareciam, queriam tudo e mais teca...

Um estúpido até lhe dissera no ano atrás: — Não trabalho prós anginhos... «Não sustento bestas à argola». Essa *epa* já lá vai, «comadrinha».

E nunca lhe pagara um ceitel de tanto que lhe devia... E ainda por cima se sorria alvarmente, — o irónico!

Via-se forçada, portanto, a só convidar quem lhe devia «obrigações» de poucos dias ou poucos meses.

Dantes, as ingratidões apontavam-se a dedo, — em muitas vidas, dois ou três casos; agora, passando mais algum tempo, o esquecimento era geral, — muitas gaifonas, muitos salamaleques, «comadrinha» pra cá, «comadrinha» pra lá, mas nada de batatas ou azeites, nada que jeito tivesse!

— Ela não precisava, vivia à grande e não tinha filhos, — confidenciavam os ingratos, com risinhos de assentimento.

Apesar de tudo, porém, as «cascadas» da comadre Felícia brilhavam pela concorrência e pela alegria, e deixavam nome na história local.

A desse ano e dessa noite prometia.

Na semana anterior ensacaram-se as maçarocas, arrancadas à mão dos pés cortados. Cada «partição» dera bastas sacas e a colheita era de asombrar!

Depois, às costas dos sobrinhos e de mais pessoal, foi tudo transportado para o largo nas traseiras da habitação e despejado em montes.

(CONTINUA)

Raças leiteiro - manteigueiras portuguesas

Temos no nosso país uma série de raças bovinas, que pelas regiões em que vivem, devido, especialmente, ao clima e à alimentação desenvolveram-se as aptidões leiteiras que as tornaram notáveis pela quantidade de leite e matéria gorda que produzem, pela carne e pelo trabalho.

Como mais importantes e mais conhecidas temos a turina, que figura em primeiro lugar, a arouqueza ou serrana, a minhota ou galega, a barrosã e a jarmelista.

De Norte a Sul de Portugal, a mais explorada na função do leite é a turina, vivendo melhor nuns sítios do que noutros, devido às condições climáticas e de alimentação.

Onde ela é mais largamente explorada e atinge as melhores produções é no norte do país, sobretudo na Beira Litoral, numa faixa compreendida entre Espinho e Mira do Distrito de Aveiro, em virtude das condições do clima e ainda pelo facto do terreno ser cortado por imensos canais de água salgada e rios de água doce, onde as pastagens viçosas abundam quase todo o ano.

Alguém chamou a essa região a pequena Holanda portuguesa e, na realidade, assim é.

Para se fazer uma ideia da importância da exploração da vaca turina no Distrito de Aveiro, basta dizer que existe aproximadamente um núcleo de 50.000 cabeças, — grande fonte abastecedora dos nossos lacticianos daquela região que representa na Economia Nacional uma grande riqueza e é a tábua de salvação da cidade de Lisboa durante os meses de Outubro a Março, quando escasseia o leite para o consumo público.

É, sem dúvida, nesse Distrito onde se vão encontrar as melhores turinas, não só pelos motivos noutro lado expostos como também devido à acção dos Serviços Pecuários do Estado, que mantém certa vigilância nos postos de cobrição espalhados pelo Distrito e proibe, sob pena da Lei, que os reprodutores de outras raças sejam lançados às vacas turinas, ou reprodutores turinos sejam lançados a fêmeas de outras espécies. Só assim se consegue manter e aperfeiçoar a pureza dessa nossa raça.

Por outro lado, têm sido importados da Holanda, por intermédio do Estado e até de empresas particulares de lacticianos, reprodutores dos dois sexos com o fim de beneficiação do sangue turino.

Sobre a origem da raça turina não vou aqui descrevê-la com precisão porque, evidentemente, não tenho competência para isso. Todavia, dada a sua conformação geral, pelagem e pro-

dução de leite, parece-me derivar da raça holandesa trazida para Portugal há já alguns séculos.

Quanto ao nome — turina — não posso também precisar qual a origem. Suponho e tudo leva a crer que lhe deram esse nome porque as primeiras vacas holandesas que entraram no nosso país vieram de Turim — Itália — e daí derivar a palavra turina.

Temos a seguir a esta raça, como produtora de leite, a arouqueza que, como o seu nome indica é originária de Arouca, genuinamente portuguesa, mas encontra-se espalhada pelos concelhos de Castelo de Paiva, Vale de Cambra e Sever do Vouga do Distrito de Aveiro e de Oliveira de Frades, Vouzela e S. Pedro do Sul do Distrito de Viseu.

A sua produção em leite raramente excede os 7 litros diários, sendo contudo, muito rico em matéria gorda, pois chega a atingir 75 grs. por litro, estando o seu emprego mais indicado para a produção de manteiga.

É um animal de corpulência e estatura meã, de pele e pelos grossos, de cor acerejada ou alourada, de chifres grossos, no geral acabados.

Vive quase sempre em regime semi-estabular, pouco exigente quanto a alimentação e quando pasta na serra contenta-se em comer a carqueja, a urze, outros matos e alguma erva que apanha a dente.

Apesar da sua pequenez é extraordinária em robustez, agilidade e vigor. É vê-las ajoujadas aos carros característicos da região serrana, de rodas fixas ao eixo, transportar cargas enormes por caminhos sinuosos e tão difíceis que outro animal não consegue vencer.

Além das suas belas aptidões para a produção de leite gorduroso e para o trabalho, é uma excelente produtora de carne.

Esta raça está também protegida pela Direcção Geral dos Serviços Pecuários, com o fim de manter bem vincadas as suas características e aptidões.

Todos os anos naqueles quatro concelhos, mas especialmente no concelho de Sever do Vouga, a expensas da edilidade camarária e orientado pelos Serviços Officiais, se realiza um concurso pecuário na Serra do Arestal, onde se vão encontrar verdadeiros exemplares da raça arouqueza.

A partir do concelho de S. Pedro do Sul, a raça arouqueza vai perdendo as suas reais características para dar lugar a uma sub-raça mais corpulenta, de pelagem mais variada, menos certa na produção de leite, chamada «paivota», mas também muito rústica, muito boa para o trabalho e boa produtora de carne.

Esta sub-raça dispersa-se

entre os concelhos de Castro Daire, Viseu, Vila Nova de Paiva, Satão, Moimenta da Beira, Lamego e Resende.

Na nossa província do Minho e na província espanhola da Galiza, temos a raça minhota ou galega.

Pouco poderei dizer acerca desta raça porque mal a conheço. Todavia, por algumas vacas que vi desta raça, notei que é de corpulência regular, de pelagem

POR
Horácio Pereira Magro

vermelha, acerejada ao ruivo. É fraca produtora de leite, com um período de lactação curto, mas com um teor butirioso elevado.

Distingue-se apenas na função do trabalho e da carne.

Na região do Barroso — Trás-os-Montes, vamos encontrar a raça Barrosã.

É uma raça que se distingue facilmente das outras, por apresentar os caracteres morfológicos seguintes:

Cabeça relativamente pequena e côncava na região frontal, chifres em forma de lira baixa ou alta, pescoço curto e barbela grande, pele e pelagem finas de cor acastanhada, clara ao ruivo.

É também pouco exigente quanto à alimentação e vive quase sempre em regime semi-estabular.

É de todas a mais fraca como produtora de leite, sendo este, porém, muito rico em gorduras.

Onde esta raça se distingue de todas as outras é pela facilidade que tem de engordar; pouco ossuda e daí apresentar um rendimento superior em carne de primeira qualidade.

Por último, temos a raça jarmelista que, como o seu nome indica, tem o seu *habitat* no Distrito da Guarda, entre Jarmelo e a vila de Almeida.

É de todas as que descrevi a mais corpulenta e assemelha-se à raça mirandesa, de trabalho.

As suas características são as seguintes:

Cabeça regular, chifres

medianos e um pouco delgados, quartos posteriores desenvolvidos e de pelagem castanha clara, escuro ao fulvo.

É a que se aproxima mais da arouqueza na produção de leite e gordura, mas menos regular durante o período de lactação, e o seu emprego está mais indicado para a indústria de lacticianos.

Vive em regime semi-estabular e é pouco exigente quanto a alimentação, reunindo, contudo, excelentes qualidades para o trabalho e para a produção de carne.

Pelo que observei junto dos lavradores dessa região, quando por lá fiz algumas visitas, esta raça está bastante cruzada com outras. Por isso já raramente se encontra um bovino puro, e se aparece algum é nas mãos de algum lavrador mais escrupuloso que quer manter a pureza da raça.

De todas as raças que descrevi, a que mantém mais vincadas as suas ge-

(Continua na página 7)

MONTIJO e os suinicultores e avicultores de todo Portugal conhecem e usam

PENIBEDOZE

(Suplemento antibiótico — Penicilina — Vitamina B12)

- Aumenta as reposições
- Facilita o crescimento
- Evita e combate as diarreias
- Que, enfim:



MERCK

Faz **PORCOS, AVES E OVOS** melhores e mais baratos...

Pedidos à **RAPEC** MONTIJO

Avenida 5 de Outubro, 8

CROCKER DELAFORCE & Ca., Lisboa — são os agentes gerais